

Sigmund Freud



# O incômodo

*Das Unheimliche (1919)*



Paulo Sérgio de Souza Jr.

tradução do alemão

Blucher

**Sigmund Freud**



# O incômodo

*Das Unheimliche (1919)*

*Precedido por "Psicologia do incômodo" (1906),  
de Ernst Jentsch*



*Posfácio*  
**Peter-André Alt**

*Tradução e notas*  
**Paulo Sérgio de Souza Jr.**

*O incômodo*, de Sigmund Freud  
Título original: *Das Unheimliche*, publicado originalmente em 1919  
Série pequena biblioteca invulgar, coordenada por Paulo Sérgio de Souza Jr.  
© 2021 Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher  
*Editor* Eduardo Blücher  
*Coordenação editorial* Jonas Eliakim  
*Produção editorial* Isabel Silva  
*Tradução* Paulo Sérgio de Souza Jr.  
*Revisão técnica* Susana Kampff Lages, Claudia Berliner  
*Preparação de texto* Bonie Santos  
*Diagramação* Negrilo Produção Editorial  
*Revisão de texto* Danilo Villa  
*Capa e projeto gráfico* Leandro Cunha

# Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar  
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil  
Tel.: 55 11 3078-5366  
**contato@blucher.com.br**  
**www.blucher.com.br**

Segundo Novo Acordo Ortográfico,  
conforme 5. ed. do *Vocabulário Ortográfico*  
da *Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de  
Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por  
quaisquer meios sem autorização escrita  
da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora  
Edgard Blücher Ltda.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO  
NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Freud, Sigmund, 1856-1939  
O incômodo / Sigmund Freud; tradução  
de Paulo Sérgio de Souza Jr. – São Paulo:  
Blucher, 2021.  
(Série pequena biblioteca invulgar)

Bibliografia  
ISBN 978-65-5506-257-1 (impresso)  
ISBN 978-65-5506-258-8 (eletrônico)

1. Psicanálise I. Título II. Souza Jr., Paulo  
Sérgio de III. Série.

21-1871

CDD 150.1952

Índice para catálogo sistemático:  
1. Psicanálise

# Apresentação da série pequena biblioteca invulgar

São muitos os escritos e autores excepcionais que, apesar de mencionados em obras amplamente divulgadas no Brasil, ainda não se encontram acessíveis aos leitores. Surgindo muitas vezes como referências em textos consagrados, é comum conhecermos pouco mais que seus nomes, títulos e esboços de ideias. A partir da psicanálise como eixo organizador, a **pequena biblioteca invulgar** coloca em circulação, para psicanalistas e estudiosos das humanidades em geral, autores e escritos como esses. A série abrange desde títulos pioneiros até trabalhos mais recentes que, por vezes ainda excêntricos ao nosso panorama editorial, ecoam em diversas áreas do saber e colocam em cena as relações do legado freudiano com outros campos que lhe são afeitos. Também abriga novas traduções de textos emblemáticos da teoria psicanalítica para o português brasileiro a fim de contribuir, ao seu modo, com a rede de referências fundamentais às reflexões que partem da psicanálise ou que, advindas de outras disciplinas, nela também encontram as suas reverberações.

# Conteúdo

<b>Nota do tradutor</b>	<b>11</b>
<b>Psicologia do incômodo</b> Ernst Jentsch	<b>15</b>
<b>O incômodo</b> Sigmund Freud	<b>43</b>
<b>Referências bibliográficas</b>	<b>115</b>
<b>Das zonas do incômodo</b> Peter-André Alt	<b>125</b>
<b>Índice onomástico</b>	<b>151</b>
<b>Índice remissivo</b>	<b>155</b>

# Nota do tradutor

**CÔMODO** s. m. (lat. *commödum*, conveniência, privilégio, recompensa, pl. *cômodos*) **1.** Utilidade, proveito: os rios navegáveis no interior das terras são de infinitos *c.* ao comércio interno; quem recebe os *c.* da herança tem os incômodos que os herdeiros se obrigam • Dar algo em *c.*, dispor um bem infungível para gozo, usufruto gratuito: “Quem aufere o *c.* suporta o incômodo” (Farias, Rosenvald e Netto), cf. **COMODATO** • Descanso; meio fácil de fazer alguma coisa, p. ex.: fazei isso, mas com todo o *c.* vosso • Agasalho, hospitalidade • (pl.) Os *c.* da vida, o bem-estar; tudo o que pode tornar a vida aprazível: “Comparar tudo isso com os *c.* e gasalhado do lar doméstico” (Herc., *Lendas II*, 328, ed. 1918) **2.** Emprego dos serviçais, acomodação: um cozinheiro, um copeiro que anda à procura de *c.* etc. **3.** Divisão de uma casa, quarto, aposento, compartimento. Os *c.* de uma casa, as acomodações, a sua boa divisão. Casa de *c.*, casa em que se alugam quartos, cortiço comum: “Não moro em casa de cômodo / Não é por ter medo não / Na cozinha muita gente / sempre dá em alteração” (J. da Bahiana) • (Alent.) Conjunto das herdades que constituem uma

# Psicologia do incômodo<sup>1</sup>

*Primeira parte | 25 de agosto de 1906*

## 1

É um reconhecido equívoco considerar que o espírito das línguas seja, sem mais nem menos, um psicólogo particularmente brilhante. Erros crassos e ingenuidades estupendas — arraigados, em parte, no acrítico frenesi dos observadores com os fenômenos e, em parte, no restrito material vocabular de uma língua específica — são com frequência muito desnecessariamente disseminados, ou ao menos fomentados, graças a ele. Não obstante, ainda assim toda língua oferece, geralmente em detalhe, na maneira como constrói as suas

---

1 Texto publicado em dois números do volume 8 da *Psychiatrisch-Neurologische Wochenschrift* [*Semanário Psiquiátrico-Neurológico*]: a primeira parte, no n. 22 (25 de agosto de 1906, pp. 195-198); a segunda, no n. 23 (1º de setembro de 1906, pp. 203-205).

expressões e os seus conceitos, aquilo que é psicologicamente legítimo ou tão somente digno de nota. Numa análise psicológica, é sempre bom esclarecer a terminologia; frequentemente se aprende com isso, ainda que nem sempre se possa utilizar o resultado da investigação.

Assim, com a palavra *unheimlich* [incômodo] a nossa língua alemã parece ter produzido uma construção bastante oportuna. Por meio dela parece sem dúvida estar expresso que, se acontece algo de “incômodo” para alguém, é porque esse alguém não se sente “em casa”, “acomodado”, na referida situação; porque a questão lhe é — ou, ao menos, assim parece — estranha. Em resumo, a palavra quer sugerir que a impressão de incômodo com uma coisa ou ocorrência está atrelada a uma *falta de orientação*.

Não se há de tentar definir aqui a essência do incômodo. Um esclarecimento conceitual como esse seria de bem pouca valia, principalmente porque a mesma impressão não precisa exercer um efeito incômodo em todo mundo; ademais, também porque, num mesmo indivíduo, uma só e mesma percepção não tem obrigação alguma de assumir sempre — ou, ao menos, não sempre do mesmo modo — a forma do “incômodo”. Não que se esteja alegando, com isso, que não seria possível dar uma definição útil do conceito de “incômodo”, pois talvez se possa admitir que, para uma determinada faixa psicofisiológica, a constituição da impressão geradora do sentimento vá ser uniforme. No atual estado da psicologia individual, no entanto, dificilmente se pode esperar um avanço do conhecimento seguindo por esse caminho.

Por conseguinte, se alguém quiser se aproximar da essência do incômodo, mais vale, em vez de perguntar o que ele é, investigar como a excitação emocional do incômodo acontece psicologicamente; quais condições psíquicas precisam ser atendidas para que a sensação “incômoda” emerja. Se houvesse pessoas para as quais absolutamente nada fosse incômodo, tratar-se-iam de psiquismos que carecem totalmente dessas condições fundamentais. Entretanto, dado também que — à exceção desses casos extremos que possam ser cogitados — as opiniões a respeito do que pode ser descrito, num caso ou noutro, como surtindo um efeito incômodo ainda vão divergir muito, bem se faz em provisoriamente restringir ainda mais a problematização, levando em conta apenas aqueles processos psíquicos que, com alguma regularidade e generalidade suficiente, culminam empiricamente na impressão subjetiva do incômodo. Hoje em dia, acontecimentos típicos como esse podem ser isolados da observação da vida cotidiana com alguma precisão.

Examinando mais de perto a psicologia cotidiana nesse sentido, vê-se sem dificuldades que uma observação bastante justa e fácil de confirmar subjaz às imagens, consideradas no início, empregadas pela língua.

Reza a experiência que o que é tradicional, habitual e ancestral é amado e digno de confiança para a maioria das pessoas; e que elas recebem o novo e o inabitual com desconfiança, desconforto e até hostilidade (misonéismo). Isso é, em grande parte, esclarecido pela dificuldade em estabelecer rápida e plenamente as conexões de ideias que o objeto se esforça por fazer com o campo representacional anterior do in-

divíduo — ou seja, o domínio do intelecto sobre a coisa nova. Com frequência, o cérebro receia subjugar as resistências que se opõem à associação do fenômeno em questão com o lugar que lhe é devido. Não nos surpreenderá, portanto, que o misonéismo seja mais fraco quando essas resistências forem menores; quando, porventura, a atividade associativa nessa respectiva direção transcorrer de maneira particularmente imediata e vívida, ou então de algum modo particular: adolescência, inteligência elevada ou — como ocorre, por exemplo, na propensão histeroide — permanente aversão a julgar as coisas com temperança e a reagir de modo consequente.

Assim, o que é há tempos habitual parece não apenas bem-vindo, mas também, por mais maravilhoso e inexplicável que possa ser, facilmente autoevidente. Em circunstâncias habituais, ninguém no mundo é surpreendido quando vê o sol nascendo pela manhã, de tanto que esse espetáculo diário se infiltrou no processo representacional da pessoa ingênua desde a tenra infância como um corriqueiro costume que dispensa comentários. É somente quando se extrai deliberadamente tal problema (contra cujo enigma a atividade intelectual, em consequência do poder do hábito, sói permanecer embotada) da abordagem habitual — quando se recorda então, no exemplo mencionado, que o nascer do sol não depende de seu movimento, mas do movimento da Terra; e que, para os terráqueos, a direção absoluta no espaço é muito mais irrelevante do que a direção em relação ao centro da Terra etc. —,<sup>2</sup> que,

---

2 Em termos de concepção do Universo, Jentsch pontua aqui a passagem de Aris-

por vezes, um singular sentimento de insegurança aparece. Um sentimento que, não raro, apresenta-se por si só nos fenômenos cotidianos aos mais intelectualmente exigentes, e que pode muito bem figurar como um importante fator na gênese do ímpeto científico e das pulsões investigativas.<sup>3</sup>

---

tóteles a Copérnico: “O Universo aristotélico era centralizado. Tinha um centro de gravidade, um núcleo sólido, ao qual se referiam todos os movimentos. Tudo o que tinha peso caía em direção ao centro; tudo o que era flutuante, como o fogo e o ar, dele tentava afastar-se. Já os astros — nem pesados, nem flutuantes, e de natureza inteiramente diversa — moviam-se em círculos em torno dele. Os pormenores do esquema podiam estar certos ou errados, mas o esquema era simples, plausível e tranquilizadamente ordenado. O Universo copernicano não somente *expande* ao infinito, como também, ao mesmo tempo, é *descentralizado*, desconcertante, anárquico. Ele não tem um centro natural de orientação ao qual tudo o mais se possa referir. As direções ‘para cima e para baixo’ já não são absolutas, tampouco o são o peso e a flutuabilidade. O ‘peso’ de uma pedra significava, antes, a sua tendência a cair em direção ao centro da Terra: era esse o significado de ‘gravidade’. Agora, o Sol e a Lua tornam-se centros de gravidade por conta própria. Não há mais qualquer direção absoluta no espaço. O Universo perdeu o núcleo. Ele não tem mais um coração, tem milhares”. Koestler, A. (1959/1961). *Os sonâmbulos: história das concepções do homem sobre o universo* (A. Denis, trad.). São Paulo: Ibrasa, p. 146; trad. modificada [N.T.].

3 Sabe-se que o pico da curva de utilização do termo *unheimlich* — que, de praticamente zero, começa a crescer no final do século XVIII — ocorre na década de 1900, isto é, justamente no período em que o autor escreve este ensaio. A frequência do termo naquela época (21,34) era sensivelmente maior do que a de mais de cem anos depois, na década de 2010 (13,55). A título de comparação, o adjetivo *unbewusst* [inconsciente], tão caro à psicanálise, apresentava uma frequência de 23,72 no mesmo período em que Jentsch redigia este texto. Dito isso, nota-se que o expediente utilizado por ele para desdobrar o termo *unheimlich* e dele tirar consequências teóricas é exatamente o mesmo exemplificado aqui no que diz respeito ao movimento dos corpos celestes, a saber: extrai-se algo ordinário (uma palavra relativamente comum, que não levanta suspeitas nem chama particular atenção) de sua abordagem habitual, abrindo alas para um “singular sentimento

# O incômodo<sup>1</sup>

## 1

É raro o psicanalista sentir o impulso de realizar investigações estéticas, mesmo que não se restrinja a estética à doutrina do belo e se a descreva como doutrina das qualidades do nosso sentir. Ele trabalha noutros estratos da vida anímica e pouco tem a fazer com as emoções que, no mais das vezes, são o assunto da estética: aquelas de meta inibida, contidas e dependentes de muitas conjunções concomitantes. Hora ou outra, porém, acontece de ele ter de se interessar por uma área específica da estética; e aí se trata, habitualmente, de algo marginal e negligenciado pela literatura estética especializada.

---

1 Texto publicado em *Imago: Zeitschrift für Anwendung der Psychoanalyse auf die Geisteswissenschaften* [Imago: revista para a aplicação da psicanálise às ciências humanas], Vol. V (1919), pp. 297-324. O respectivo manuscrito é parte do acervo da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos. Recuperado de [www.loc.gov/resource/mss39990.OV0713](http://www.loc.gov/resource/mss39990.OV0713).

Uma delas é o “incômodo”. Não há dúvida de que ele figure entre o que é aterrador, que suscita medo e horror, assim como também é certo que essa palavra nem sempre é utilizada num sentido que se possa determinar com precisão e acabe por coincidir com aquilo que suscita medo. No entanto, pode-se esperar que haja um núcleo particular que justifique, assim, a utilização de um termo conceitual particular. Gostaríamos de saber o que é esse núcleo comum que porventura permita, no interior daquilo que é medonho, distinguir um “incômodo”.

A esse respeito não encontramos quase nada nas minuciosas exposições da estética, que acabam por se dedicar mais aos tipos belos, grandiosos e encantadores de sentimento (ou seja, os positivos), às condições de sua produção e aos objetos que eles evocam, do que aos adversos, repulsivos e penosos. Do lado da literatura médico-psicológica, conheço apenas o tratado — substancioso, porém não exaustivo — de E. Jentsch.<sup>2</sup> Devo confessar, no entanto, por motivos fáceis de imaginar e que residem nos tempos em que vivemos, que a bibliografia para este pequeno artigo, particularmente a de língua estrangeira, não foi meticulosamente selecionada, razão pela qual ele chega ao leitor sem qualquer reivindicação de prioridade.

Como uma dificuldade para o estudo do incômodo, Jentsch enfatiza, com toda justeza, que a sensibilidade para

---

2 Jentsch, E. (1906, 25 ago.; 1 set.). Zur Psychologie des Unheimlichen. *Psychiatrisch-Neurologische Wochenschrift*, 8(22), 195-198; 8(23), 203-205.

essa qualidade de sentimento é encontrada de modo muito diferente em diferentes pessoas. Pois bem, o autor desta nova empreitada deve confessar aqui a sua particular obtusidade no que tange a essa questão, para a qual uma grande sensibilidade viria mais a calhar. Há muito ele não vivencia nem vem a conhecer nada que lhe tenha causado a impressão do incômodo, devendo então primeiramente imaginar-se com esse sentimento, despertar em si próprio essa possibilidade. Dificuldades desse tipo, entretanto, também são tremendas em muitas outras áreas da estética; nem por isso deve-se abrir mão da expectativa de que seja possível destacar os casos nos quais o caráter em questão seja reconhecido, de modo incontestante, pela maioria das pessoas.

Pode-se seguir por dois caminhos: procurar o significado que o desenvolvimento da língua alemã depositou na palavra *unheimlich* [incômodo], ou fazer a recolha daquilo que — nas pessoas e coisas, impressões sensoriais, vivências e situações — desperta em nós o sentimento de incômodo, desbravando o caráter encoberto do incômodo a partir de algo comum a todos os casos. Quero logo revelar que ambos os caminhos levam à mesma conclusão: o incômodo seria uma espécie de elemento aterrador que remonta ao que é há muito conhecido, ao que há tempos é familiar. Como isso é possível, sob que condições aquilo que é familiar pode se tornar incômodo e aterrador, é o que irá ficar claro a partir do que se segue. Gostaria ainda de observar que, na realidade, esta investigação tomou o caminho na direção de um apanhado de casos individuais e só depois veio a ser confir-

mada pelo testemunho do uso linguístico. Nesta exposição, porém, vou seguir o caminho inverso.

A palavra alemã *unheimlich* é obviamente o oposto de *heimlich* [cômodo], *heimisch* [acomodado] e *vertraut* [familiar], sendo evidente a conclusão de que algo é aterrador justamente por *não* ser conhecido e familiar. Naturalmente, nem tudo o que é novo e pouco familiar é aterrador — a relação não é reversível. Pode-se apenas dizer que aquilo que é novo facilmente se torna aterrador e incômodo; que algumas coisas novas são aterradoras, mas nem todas. Àquilo que é novo e pouco familiar é preciso, antes, acrescer algo que o torne incômodo.

Em geral, Jentsch se deteve nessa relação do incômodo com o novo, com o pouco familiar. Ele encontra a condição essencial para a consumação do sentimento incômodo na insegurança intelectual.<sup>3</sup> Na verdade, o incômodo seria sempre algo em relação ao qual, por assim dizer, nós não conseguimos nos situar. Quanto mais bem orientada no ambiente estiver uma pessoa, menos facilmente ela captará — das coisas ou do que nele sucede — a impressão do incômodo.

Para nós, é fácil julgar que essa caracterização não é exaustiva e, por isso, procurar ir além da equação incômodo = não familiar. Vamos nos voltar primeiro para outras línguas. Os dicionários que consultamos, porém, não nos dizem

---

3 Vale ressaltar que Jentsch utiliza, na realidade, a expressão “insegurança psíquica”, e não “insegurança intelectual”, como Freud escreve ao longo do ensaio. Cf. “Psicologia do incômodo”, *passim* [N.T.].

nada de novo; talvez porque sejamos, nós mesmos, falantes de língua estrangeira. Ficamos com a impressão de que muitas línguas carecem de uma palavra para essa nuance particular daquilo que é aterrador.<sup>4</sup>

LATIM (segundo K. E. Georges, *Kl. Deutschlatein. Wörterbuch*, 1898):<sup>5</sup> *ein unheimlicher Ort* — *locus suspectus* [local suspeito]; *in unh. Nachtzeit* — *intempesta nocte* [na calada da noite].

GREGO (dicionários de Rost e de Schenkl): ξένος, ou seja, estrangeiro, estranho.<sup>6</sup>

INGLÊS (dos dicionários de Lucas, Bellows,<sup>7</sup> Flügel, Muret-Sanders): *uncomfortable* [desconfortável], *uneasy* [in-

---

4 Devo meus agradecimentos ao Dr. Th. Reik pelos excertos que seguem ([N.T.]: Theodor Reik (1888-1969) havia concluído seu doutoramento em psicologia pela Universidade de Viena em 1912, com um trabalho sobre *A tentação de Santo Antônio* (1874), de Flaubert. Sua pesquisa é considerada o segundo trabalho acadêmico de bases psicanalíticas, concluída após a pesquisa de Otto Rank (1884-1939) em literatura, sobre a saga de Lohengrin, publicada em livro no ano de 1911.)

5 Trata-se, na realidade, do *Kleines deutsch-lateinisches Handwörterbuch*. Cf. referências bibliográficas [N.T.].

6 O dicionário de Schenkl traz, além de ξένος (*ksénos*), outro termo não mencionado por Freud; trata-se de ἀδημονία (*adēmonía*): preocupação, inquietação, tormenta. Já na obra de Rost, além deste último, figura também o termo ἀνοικειός (*anoíkeios*): que não é doméstico, da família; impróprio; inconveniente. Cf. referências bibliográficas [N.T.].

7 No original, “Bellow”, grafado incorretamente por Freud e nas edições subsequentes. Cf. referências bibliográficas [N.T.].

quieto], *gloomy* [sombrio], *dismal* [nefasto], *uncanny* [sinistro], *ghastly* [pavoroso]; de uma casa: *haunted* [mal-assombrada]; de uma pessoa: *a repulsive fellow* [um camarada repugnante].<sup>8</sup>

FRANCÊS (Sachs-Villatte): *inquiétant* [inquietante], *sinistre* [sinistro], *lugubre* [lúgubre], *mal à son aise* [desconfortável].<sup>9</sup>

ESPAANHOL (Tolhausen,<sup>10</sup> 1889): *sospechoso* [suspeito], *de mal agüero* [de mal agouro], *lúgubre*, *siniestro* [sinistro].

O italiano e o português<sup>11</sup> parecem contentar-se com palavras que qualificaríamos como paráfrases. No árabe e no

---

8 O dicionário de Flügel traz ainda o termo *unearthly*: fora de hora, sobrenatural, mas também misterioso, sublime. No de Muret-Sanders, além desse, figuram também: *weird* [esquisito], *eery* [lúgubre], *eldritch* [terrível], *horrid* [horrendo], *creepy* [horripilante], *suspicious* [suspeito] e *lurid* [lúrido]. No mesmo verbete do dicionário de Lucas, por sua vez, há ainda os termos *not secret* [não secreto] e *public* [público]. Cf. referências bibliográficas [N.T.].

9 Sachs e Villatte mencionam ainda: *peu rassurant* [não muito tranquilizador] e *avoir peur* [ter medo]. Cf. referências bibliográficas [N.T.].

10 No original, “Tollhausen”, grafado incorretamente por Freud e nas edições subsequentes. Cf. referências bibliográficas [N.T.].

11 Por exemplo, no dicionário alemão-italiano do acervo de Antonio Sanguiliani (Tip. di Commercio, 1839): para um local *unheimlich*, *dove la volpe abbaja* [onde a raposa gane]; e para uma casa *unheimlich*, *dove sono gli spiriti* [onde há espíritos]. O de Bulle & Rigutini (1900), além de equivalentes de palavras apontadas por Freud nas outras línguas, também apresenta as seguintes paráfrases: *poco sicuro* [pouco seguro], *poco tranquillo* [pouco tranquilo]. Quanto à língua portuguesa, o dicionário de Michaelis (1889/1902) também apresenta o termo como fazendo referência a algo não muito seguro, solitário, que causa arrepios. Cf. referências bibliográficas [N.T.].

hebraico,<sup>12</sup> *unheimlich* coincide com *dämonisch* [demoníaco], *schaurig* [tenebroso].<sup>13</sup>

Voltemos, pois, à língua alemã.

No *Wörterbuch der deutschen Sprache* [Dicionário da língua alemã] de Daniel Sanders<sup>14</sup> encontram-se as seguintes indicações sobre a palavra *heimlich* [cômodo], que aqui trans-

---

12 Na época em que este ensaio foi escrito, dispunha-se de dois dicionários alemão-árabe aos quais o autor, ou Reik, poderia ter tido acesso. Para *unheimlich*, Harder (1903) apresenta o termo غبر لطيف (*Gayiru laTif*), que significa “desagradável”. O outro, da autoria de Wahrmund (1870), não traz esse verbete. Contudo, possivelmente Freud estivesse fazendo alusão aqui ao termo que acabará sendo adotado pelos psicanalistas arabófonos para se referir a este seu ensaio: الغرابة (*al-Garabah*), oriundo de غريب (*Garīb*) “estranho/estrangeiro” — palavra que, por sua vez, deriva de غرب (*Garb*), “Ocidente”. Isso porque, quando precedido pelo artigo, o termo الغريب (*alGarīb*) ganha uma acepção específica, relativamente rara e discreta no universo de língua árabe, equivalente a “O Coisa Ruim” — ou, mais precisamente, quando associamos o diabo ao lado esquerdo e dizemos “O Canhoto”. No caso do hebraico, Margel (1906) associa a palavra *unheimlich* aos seguintes termos: פחד (*pakhad*), medo; מטיל אימה (*metil emah*), horrorizante; האלבייתי (*halbiti*), aterrador; אייום (*iyyum*), ameaçador. O dicionário de Schulbaum (1881), por sua vez, não dispõe do verbete. Cf. referências bibliográficas [N.T.].

13 A escolha do autor pelo termo *schaurig* é digna de nota. Afinal, conforme o *Dicionário alemão* (Vol. 14, col. 2332) de Jacob e Wilhelm Grimm, citado pelo próprio Freud ao longo do texto, esse adjetivo comporta uma curiosa conjunção de sentidos: ao mesmo tempo que denota o temporal (nuvens pesadas, escuridão e tempestade), tem também a acepção de algo protegido justamente dessas intempéries. A respeito da leitura freudiana das conjunções de sentidos antitéticos numa mesma palavra, cf. p. 60, n. 26 [N.T.].

14 Sanders, D. (1860/1876). *Wörterbuch der deutschen Sprache* (Vol. 1). Leipzig: Otto Wigand, p. 729 [N.T.].

crevo integralmente e das quais quero salientar uma ou outra passagem:

HEIMLICH, adj. (sf. *Heimlichkeit*, pl. *Heimlichkeiten*):  
1. também *Heimlich*, *heimelig*, pertencente ao lar, não estrangeiro, familiar, domesticado, de confiança e íntimo, acolhedor etc. A) (Antiq.) pertencente à casa, à família ou considerado como pertencente, cf. lat. *familiaris*, familiar: *Die Heimlichen*, Os integrantes da casa; *Der heimliche Rat*, O [membro do] Conselho Privativo (Gn 41:45, 2 Sm 23:23, 1 Cr 12:25, Sb 8:4), para os quais hoje em dia: geralm. *Geheimer* (ver D 1) *Rat*, O [membro do] Conselho de Estado, ver HEIMLICHER [Conselho Privado] • B) em relação aos animais domesticados, por se conectarem intimamente com as pessoas. (Ant.) selvagem, p. ex.: “Fera que nem é selvagem, nem *h.*” etc. (Eppendorf, 88); “Fera selvagem [...] que é criada *h.* e habituada junto das pessoas” (92). “Caso esses animaizinhos sejam criados desde novos junto dos humanos, tornam-se inteiramente *h.*, amigáveis etc.” (Stumpf, 608a) etc. • Ou ainda: “Ele [o cordeiro] é bem *h.* e come da minha mão” (Hölty); “A cegonha permanece sendo uma ave bela e *h.* [ver c], afinal” (Linck, *Schl.* 146); ver HÄUSLICH [doméstico] 1 etc. • C) de confiança, intimamente acolhedor; o bem-estar da satisfação serena etc., do sossego agradável e do refúgio seguro, tal como suscitado pela casa fechada e aconchegante (cf. GEHEUER [conforme]): “Ainda te é *h.* estar nesta terra onde os forasteiros desmatam as tuas florestas?” (Alexis, *H.*

1, 1, 289); “Não lhe era demasiado *h.* estar em casa” (Brentano, *Wehm.* 92); “Em uma vereda sombreada e *h.* [...] ao longo de um caudaloso riacho de floresta ruidoso e burburejante” (Forster, *B.* 1, 417). “Destruir a *H.-keit* da terra natal” (Gervinus, *Lit.* 5, 375). “Um lugarzinho tão íntimo e *h.* não foi fácil de encontrar” (G.,<sup>15</sup> 14, 14); “Pensávamos ser tão confortável, tão cativante, tão descontraído e *h.*” (15, 9); “Em serena *H.-keit*, cercado de estritas barreiras” (Haller); “Uma dona de casa esmerada que, com o mínimo, sabe criar uma aprazível *H.-keit*”, *Häuslichkeit*, domesticidade (Hartmann, *Unst.* 1, 188); “Tão *h.* pareceu-lhe agora o homem que há pouco lhe era tão estranho” (Kerner, 540); “Os proprietários protestantes não se sentem [...] *h.* entre seus subordinados católicos” (Kohl, *Irl.* 1, 172); “Se for *h.* e leve / só a serenidade noturna há de bisbilhotar a tua alcova” (Tiedge, 2, 39); “Um lugar tranquilo e amável e *h.*, do jeitinho que / poderiam desejar para o sossego” (W.<sup>16</sup> 11, 144); “Não ficou nada *h.* com isso” (27, 170) etc. • Também: “O lugar era tão pacato, tão ermo, tão sombreamente *h.*” (Scherr, *Pilg.* 1, 170); “O fluxo e o refluxo das ondas, sonhadoras e acalentadamente *h.*” (Körner, *Sch.* 3, 320) etc. • Cf. espec. UNHEIMLICH • Espec. em literatos suábios e suíços, geralmente trissílabo: “Quão ‘*heimelich*’ voltou a ser para Ivo, de tardezinha, quando ficava em casa” (Auerbach, *D.* 1, 249); “Estar na casa me era tão *heimelig*” (4,

---

15 Goethe [N.T.].

16 Wieland [N.T.].

307); “O cômodo cálido, a tarde *heimelige*” (Gotthelf, *Sch.* 127, 148); “Essa é a verdadeira *Heimelig*, quando o homem sente de coração quão pouco ele é e quão grande é o Senhor” (147); “Ficavam cada vez mais descontraídos e *heimelig* uns com os outros” (*U.* 1, 297); “A íntima *Heimeligkeit*” (380, 2, 86); “Nenhum lugar me será mais *heimelich* que aqui” (327; Pestalozzi 4, 240); “O que de longe veio [...] vive sem sentir-se totalmente *heimelig* (*heimatlich*, como um local; *freund-nachbarlich*, entre amigos) com as pessoas (325); “A cabana onde, / aliás, ele frequentemente ficava tão *heimelig*, tão feliz / [...] junto aos seus” (Reithard, 20); “A trombeta do guarda soa tão *heimelig* da torre / Tão hospitaleira a sua voz convida” (49); “Ali se dorme em reconforto / tremendamente *heim’lig*” (23) etc. • *Essa forma merecia se generalizar para proteger a boa palavra de se tornar, por conta da evidente confusão com (2), obsoleta. Cf.: “— Os Zeck são todos h. (2)”, “— H.? O que o senhor entende por h.?”*, “— Bem... parece-me que, com eles, a coisa é feito uma fonte enterrada ou uma lagoa seca. Não há como andar em cima como se a água não pudesse sempre emergir de novo.”, “— Chamamos isso de *unheimlich*; o senhor chama de h. O que lhe faz pensar que essa família tem algo de escondido e suspeito?” etc. (Gutzkow, *R.* 2, 61).<sup>17</sup> • D) (ver c) espec. na Silésia: bom, desanuviado, também em relação ao tempo (ver Adelung e Weinhold) • 2. Mantido escondido, dissimulado, para não deixar outros

---

17 Estes grifos, assim como os que vêm em seguida, são meus.

Parafraseando “As versões homéricas” de Borges, nenhum problema é tão consubstancial com o psiquismo humano e seu modesto mistério como o que propõe uma tradução. Este ensaio freudiano já recebeu algumas versões, com estratégias diversas para o seu título enigmático. Neste volume, organizado e anotado pelo tradutor, a opção – advinda de sua experiência clínica e de uma correlata investigação filológico-lexical do português – é pelo incômodo, que nos guia por onde literatura e psicanálise alternam suas luzes e sombras. Se cômodo é onde se guardam segredos de alcova, pode o leitor ajeitar-se em sua poltrona e, com os inusitados sentidos aqui propostos, iniciar a leitura.

**Susana Kampff Lages**

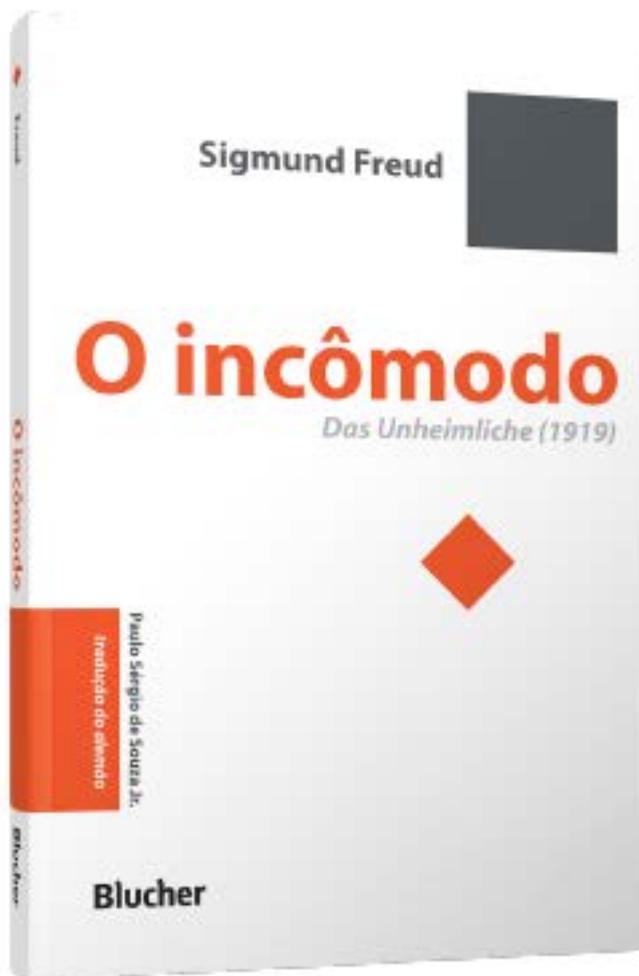


[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)



pequena  
biblioteca  
invulgar

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## O Incômodo

Série pequena biblioteca invulgar

---

### Sigmund Freud

ISBN: 9786555062571

Páginas: 160

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2021

Peso: 0.250 kg

---